

**AS FEIRAS LIVRES NORTISTAS PORTUGUESAS E NORDESTINAS
BRASILEIRAS COMO CAMPO DE ESTUDO PARA A HISTÓRIA SOCIAL**

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

FAVIP- Faculdade do Vale do Ipojuca

giovannaaquino@ig.com.br

Neste trabalho abordaremos as categorias históricas e de análise vinculadas a História Social sendo elas: a História Oral, as identidades e a memória, presentes nas feiras dos dois lados do atlântico¹, a partir das experiências quotidiana vivenciadas por estes sujeitos em seus respectivos lócus de trabalho.

Objectivamos também destacar o universo das feiras não apenas como ambiente favorável ao mercantilismo mas, sobretudo, como cenário propício a sociabilidade diante das relações sociais estabelecidas desde o medievo como a solidariedade, o compadrinamento e relações de parentesco. Já na contemporaneidade destacaremos os impactos gerados pelo fenómeno da globalização como a inserção das “novas” formas de consumo mediante os equipamentos urbanos: supermercado, shopping center, delicatessens, etc.

Em relação a História Social percebemos que a temática feira encontra-se vinculada a essa área do conhecimento através da História do Trabalho, das organizações, das grandes massas, de grupos sociais específicos, no caso dos feirantes e fregueses e das relações de sociabilidades estabelecidas entre eles. Por considerarmos a História Social como um processo enquadrámos nossa pesquisa junto a ela no que concerne a dinâmica diversa no quotidiano das feiras, desde a Era medieval à actualidade.

Iniciaremos nosso texto por definir o conceito de feiras como sendo uma das instituições mais curiosas do período medieval. Local de concentração econômica, no que concerne a distribuição de mercadorias vendáveis a partir de produções muitas vezes realizadas domesticamente. É o que diz Ferreira Borges, vejamos: “Feira-mercado

grande, público, em que se vende toda a casta de mercadorias em tempo certo, uma ou mais vezes por ano (...) as feiras são um meio de instigar a abertura de estradas e comunicações, de introduzir a civilização e de igualar a necessidade de riqueza dos povos²”. Apesar das feiras terem importância a partir do reconhecimento econômico e comercial, também sabemos que se constituem em um locus de relações sociais e culturais que dão suporte a convivência daqueles que transitam por esses espaços.

Na Europa e na América as feiras surgiram como lugar das primeiras aglomerações sociais, as cidades propriamente ditas, sendo inicialmente tidas como povoados e vilas, e posteriormente cidades. É o que diz Weber (1979) *apud* Vedana³ (2004, p.11), o aparecimento das “[...]cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial”.

Historicamente as feiras adquiriram uma importância muito grande que ultrapassa seu papel comercial e transforma-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades congregavam-se estabelecendo laços de sociabilidade.

Notadamente em relação às feiras em estudo comungamos com a idéia de que na atualidade, mesmo buscando a manutenção e conservação de algumas das suas tradições⁴, é quase impossível que elas se mantenham permanentes no decurso da contemporaneidade sem alterações. Porém o curioso é que neste mesmo período, com o capitalismo globalizado se instalando numa velocidade acentuada e espalhando seus novos equipamentos comerciais, ou seja, os supermercados luxuosos e higienizados que concorrem no mesmo espaço com as feiras, estas continuam a existir com características múltiplas, mas mantendo a idéia de espaço local de perambulações à procura de compras, vendas, trocas, consumo, paquera, prazer, sociável, como entretenimento, diversão, diálogos, amizades, furtos, vícios, enfim, polissêmicas sociabilidades. Lugar onde se evidenciam os encontros, as tradições, as conversas, as compras, vendas e

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

permutas, enfim das múltiplas territorialidades, sejam econômicas, políticas ou culturais, tecidas em mudanças que se misturam, se dissolvem, se transformam, no dia-a-dia, nas reproduções sociais, políticas e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira a feira se institui em um espaço de mobilidades comerciais e sociais desde as transformações geográficas ocorridas em seu seio até as diversidades dos produtos comercializados e as formas de fazer a feira: atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, fomentados pelos atores sociais que freqüentam e transitam pelos labirintos das feiras. Tais dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos e reconstruídos.

As feiras na Europa medieval tinha o objectivo com a venda de seus produtos em abastecer e alimentar a população local. Era comercializada a varejo nos conhecidos mercados. Naquela época, as feiras já se constituíam como espaços de sociabilidade, tendo em vista acontecerem em reuniões mensais de mercadores de várias regiões. Époça em que a navegação pelo mar mediterrâneo era restrita pelo domínio de mulçumanos no norte da África e parte da Península Ibérica, havia no entanto, um comércio terrestre que partia dos portos italianos levando mercadorias orientais por toda a Europa Ocidental.

Nesse sentido, sabemos que as feiras portuguesas são instituições oriundas dessa época medieval descrita acima, que “sobreviveram” a época moderna e na contemporaneidade ainda se configuram como espaços de sociabilidades e de comércio.

Nosso objecto de estudo será, portanto, não só destacar os aspectos que fazem dessas feiras lugares sociais mas, sobretudo, enfatizar sua importância enquanto locus de pluralidade identitária num mundo global. Tais identidades plurais são reflexos na verdade de acontecimentos históricos como a globalização que, não necessariamente, provoca ruptura nas identidades daqueles que frequentam esses ambientes sociais, uma vez que as identidades são múltiplas e não estáticas como sugerem os esteriótipos que construíram o Ser nordestino brasileiro e, bem como, o nortista português. É o que

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

buscaremos evidenciar durante nossa pesquisa em Portugal onde a presença de etnias diversas, a exemplo dos ciganos e dos imigrantes oriundos de países circunvizinhos como a Espanha, a Itália e, ainda, os chineses, que transitam “livremente” comercializando seus produtos nas feiras nortistas portuguesas “facilitados” pela abertura de mercado provocada pelo advento do neoliberalismo, convivem mesmo sendo de culturas diferentes. Da mesma forma buscaremos analisar este fenômeno no que concerne ao Brasil uma vez que registramos em suas feiras uma intensa circulação de variados produtos provenientes de países de blocos econômicos diversos como europeu, asiático ou do Mercosul, que são vendidos em seu meio disputando box com mercadorias que fazem parte da sua tradição.

As feiras citadas não se constituem apenas em reproduções sociais, políticas e capitalistas. Mais do que isto a feira se consolida pelas formas de fazer a feira e que resistem como há muito tempo atrás: atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, fomentados pelos atores sociais que frequentam e transitam pelos labirintos peculiares de cada lugar. Tais dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos e reconstruídos que transpõe o tempo e o espaço.

O fato é que desde a Era medieval, perpassando pela época moderna e no momento histórico da contemporaneidade as feiras, sejam elas na Europa e na América, consistem num verdadeiro mosaico de espaços de sociabilidade, onde a relação estabelecida entre tempo, agentes sociais e processos, concorre para que à vida cidadina carregue grande diversidade e riqueza de possibilidades plurais de rituais, comportamentos, normas e limites de uso e apropriação do território urbano.

Em relação ao aspecto identitário, ressaltamos que estamos diante de realidades múltiplas, portanto posturas múltiplas também em relação ao cotidiano, o que acaba acarretando nas identidades plurais evidenciadas na pós-modernidade, como diz

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

PARMAR as identidades nunca são fixas, mas complexas, diferenciadas e constantemente re-posicionadas.⁵

Com a pós-modernidade vigente chega-se ao consenso de que as concepções que se tem sobre identidade não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou serem antagônicos. As identidades estão, portanto, sujeitas à historicização radical, em constante processo de transformação e mudança⁶. No caso específico nos sujeitos investigados, vemos os feirantes como pertencentes a uma classe social, a qual surge no instante em que eles se dão conta de sua representatividade como categoria histórica e analítica. As experiências desses sujeitos que são rememoradas por meio da memória colectiva dizem como esses homens e mulheres viveram e vivem, demonstrando as relações sociais⁷ que são agentes, bem como o contexto cultural que estão inseridos. Nesse sentido vemos os feirantes portugueses e os brasileiros a partir de suas realidades específicas, de acordo com seus valores culturais e suas experiências colectivas, haja vista que a formação da classe não ocorre de maneira isolada, vemos a classe como categoria histórica, que teve sua formação a partir das experiências sociais e culturais, ocorre portanto nesse contexto uma relação dialéctica entre a economia e os valores, elementos culturais e materiais existentes. Para entendermos os discursos anunciados pelos feirantes e fregueses, é preciso considerarmos a relação dialéctica existente entre a experiência deles e a consciência social⁸.

Trazendo para nossa temática, para a realidade das feiras analisadas, percebemos essa característica identitária plural da pós-modernidade também presente, tendo em vista existir a troca de posicionamentos, de posturas em relação aos lugares que se ocupa, ou seja, os discursos são diferentes em relação ao posicionamento social que se ocupa, ou seja, a concepção que se tem das feiras é diferenciada para o feirante e para o freguês, tomando por base o seu posicionamento no local, no entanto tal concepção muda quando se muda também o lugar de onde se está falando. Além disso também percebemos que a abertura política vivenciada em Portugal com a nova

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

República, pós 1975⁹, pessoas de nacionalidade e de naturalidade diferente começaram a transitar com maior facilidade nesse país levando os seus costumes e produtos para as feiras portuguesas, o que se intensificou com a globalização e o neoliberalismo, influenciando nas mudanças de hábitos e de vida daquela sociedade, acarretando mudanças de posturas e de perfis identitários. Nos referimos, além dos citados acima, em grande medida aos angolanos, os descendentes de franceses, assim como os portugueses do sul que migram também para o norte daquele País. Os ciganos, que com uma etnia múltipla, diversa, mesmo que possuam a nacionalidade portuguesa, se apresentam de forma diferente aquele convívio dos lusitanos. Essa apresentação divergente se dá no ritual de “fazer” a feira acontecer, nos seus gestos, nas formas de chamar atenção do cliente, nas formas de “regatiar” os preços, de convencer os clientes a comprar os seus produtos, na indumentária, vestimenta com que se portam, dentre outros aspectos.

O fato é que percebemos que no norte de Portugal e no nordeste do Brasil as pessoas que fazem as feiras, na condição de feirantes e de fregueses possuem identidades plurais, em decorrência do mundo “globalizado” mas também diante da troca de posturas, e influências vivenciadas nos espaços de sociabilidade peculiar das feiras.

A questão da identidade trata-se de uma discussão em andamento tendo em vista ainda não ter se esgotado por fazer parte de estudos centrados nos Estudos Culturais e estarem em discussão há pouco tempo, menos de um século, bem como ser uma temática influenciada por reflexões acerca de temas como cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade, pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo presentes no dia-a-dia dos estudiosos.¹⁰ Nessa discussão os indivíduos e suas identidades pessoais estão inseridos no mundo como constituído provocando nos sujeitos lugares na vida social de que fazem parte. Para os Estudos Culturais as velhas identidades estão sofrendo declínio por que não mais definem o sujeito moderno ou pós-moderno que é visto mais como sujeito unificado, a cada instante no momento atual ele se fragmenta se

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

torna clivado. Discordamos com essa concepção de esvaziamento dos sujeitos, proposta pelos Estudos Culturais, uma vez que vemos esses sujeitos, no caso os feirantes sob o olhar da História Social, valorizando suas experiências¹¹, os conflitos, como agência, responsáveis por suas atitudes, relacionados ao contexto histórico no qual estão inseridos. Ou seja, vemos esses feirantes, seja no Brasil ou em Portugal como sujeitos ativos, pertencentes à classe social introjectados de experiências resultado de cultura, e de relação dialética, reciprocidade, mobilidade social, entre o ser feirante e ser freguês como teia de reciprocidades, por exemplo: muitos feirantes são fregueses de seus colegas também feirantes, outro exemplo no caso dos fornecedores que tem os feirantes como seus fregueses, também se tornam fregueses dos feirantes no momento em que se abastecem das mercadorias deste.

Uma outra questão interessante nessa concepção de experiência como resultante de cultura, diz respeito aos conflitos que a originam, e a concepção de costume não como algo estático, imóvel, mas como campo gerador de transformação, de processo, de rebeldia. No caso das feiras, sabemos que com o advento dos novos equipamentos de consumo citados anteriormente a concorrência, dos supermercados, dos shopping centers e das delicatessens, vemos os feirantes reproduzindo em suas falas, depoimentos que ao mesmo tempo que eles reconhecem que a concorrência moderna, demonstram estratégias de se manterem no mercado, com um costume tradicional no formato, mas rebelde no conteúdo. Assim eles modernizam suas mercadorias¹², vemos a inserção dos produtos eletro-eletrônicos, a redução das apresentações dos embaladores de coco, em substituição aos Cds, o som do forró pé de serra pelo forró elétrico e o pagode; a substituição de boxes não higienizados e desconfortáveis, por boxes “luxuosos” com ar-condicionado; em relação a gastronomia, vemos a inserção de barracas self-service, com refrigerantes, coca-cola, lasanha, pizzas, tortas, salgados, sanduíches, sorvetes, hot-dogs, disputando espaço com os pratos feitos, os sucos, buchada, baião de dois, feijão verde com galinha caipira, bolos caseiros: pé-de-moleque, souza leão, engorda marido, milho, pamonha, canjica, doces: batata, rasga

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

queixo; em relação ao vestuário, a antiga venda de tecidos para confecção das roupas, pelas barracas com as peças de roupas já confeccionadas, também adequaram as formas de pagamento que variam do caderno do fiado, aos cheques pré-datados e cartões de crédito e débito automático. No entanto, apesar dessas mudanças no formato das características das feiras os feirantes não perdem a essência em relação a forma da venda, no que concerne a conquista dos clientes, a maneira de valorizar seu produto, de acertar o preço, por intermédio da “pechinchagem”, ou da regatiação como dizem os portugueses, a relação de fidelidade, de apadrinhamento entre os feirantes e seus fregueses. Tais práticas acabam impondo limites à essa concorrência, fazendo uso dos seus antigos costumes em relação a prática de seu ofício. Nossa tese é a de que a sobrevivência das feiras se mantiveram na contemporaneidade (1985-2010) a partir da relação dialéctica entre as mudanças e continuidades, bem como as estratégias de resistência e de adaptação construídas pelos sujeitos no contexto da globalização.

Esses antigos costumes são legitimados a partir da própria ambiência da feira. As feiras ficam em espaços públicos, legitimando práticas e costumes¹³. Tradição ritualizada como em um teatro, os personagens que também são os protagonistas, no caso os feirantes e fregueses vivem o dia de feira como um evento nas cidades, espectáculo ritualizado desde a montagem das barracas, que geralmente se inicia no dia anterior, perpassando pelo momento da compra das mercadorias, onde os fornecedores fazem suas vendas aos comerciantes locais, que nesse, momento se tornam seus fregueses, depois ainda pela manhã é anunciado a abertura do dia de feira, até o final da tarde e os fregueses circulam durante todo o dia pelo mesmo cenário negociando seus mantimentos, depois ocorre o momento do encerramento das actividades com a desmontagem das barracas. Os papéis dos personagens são bem definidos, cada um buscando os seus objectivos. O momento da venda em si é um momento que muitas vezes gera conflito, entre os concorrentes feirantes, que buscam chamar a atenção do cliente para sua mercadoria, entre os fregueses com esses feirantes diante da pechinchassem, dos fornecedores das mercadorias com os feirantes que nesse momento

são seus fregueses, etc. Existem conflitos diversos nesse ritual, mas tais conflitos muitas vezes geram congruências.

Em relação a História Oral e a memória colectiva, nossas duas últimas categorias de análise com as quais trabalharemos em nossa tese¹⁴, temos as seguintes observações: Trabalhar com fontes orais hoje virou “modismo” para aqueles que investigam sobretudo a História Contemporânea, no entanto se faz necessário que fiquemos atentos a algumas questões para não cairmos nas “garras” dos críticos da História Oral. Primeiramente temos que ter cuidado para não utilizarmos os depoimentos de maneira isolada, se faz necessário que dialoguemos com outras fontes para estarmos analisando e não apenas reproduzindo aquilo que foi dito por nossos depoentes. Utilizaremos as fontes orais como mais uma fonte histórica, que deve ser investigada como as outras¹⁵. Essa relação dialéctica entre as fontes possibilitará críticas a respeito do que está escrito nos documentos e o que está sendo dito pelo nosso depoente. Nessa perspectiva estamos construindo nosso trabalho, o que é um desafio dado a relação que temos que estabelecer entre as fontes, a teoria e os dois universos de pesquisa investigados¹⁶.

No que concerne entre a relação estabelecida entre oralidade e memória, não a vemos de forma desassociada, pois percebemos essa última como representação das lembranças vividas e travestidas em experiências, tendo a oralidade como possibilidade de denúncia ou mesmo de anunciação para fatos até então silenciados¹⁷.

Em relação a questão identitária, relacionada a memória e a história oral. Percebemos contudo a memória colectiva como configuração de formação de suas identidades. Nesse sentido consideramos a história oral acima de tudo também social, construída a partir da relação identitária¹⁸ estabelecida entre os sujeitos por resultado de uma vivência culturalmente construída entre os sujeitos que tem lembranças comuns, e se estes possuem essas lembranças colectivas, o fazem necessariamente por fazerem parte de grupos sociais comuns, com aspectos sociais, simbólicos e materiais comuns,

aspectos vinculados ao processo de identificação e construção dos sujeitos a partir da intermédio de experiências individuais reflectidas no colectivo.¹⁹

Concluimos portanto o presente texto dizendo que: guiados por E.P.Thompson²⁰, nosso trabalho propõe em ir além da História Econômica nas feiras, se aproximando mais da Antropologia social, não na perspectiva folclorista que alguns antropólogos se dedicam, onde os costumes são vistos como relíquias e rituais míticos consuetudinário,²¹ mas se apropriando do método etnográfico da Antropologia. Considerando portanto um diálogo possível entre a História Social e Antropologia no que tange a identificação de velhos e novos problemas, dando ênfase as normas e rituais como expressão simbólica de autoridade, controle e hegemonia, relações de parentesco, costumes e acima de tudo experiência humana. Acreditamos portanto que, as manifestações culturais e sociais percebidas em pesquisas anteriores são resultados das ações humanas inseridas em um contexto histórico como afirma Weber e Geertz no conceito ampliado de cultura como rede de significados²², relacionando ao conceito de experiência em Thompson diante das vivências (práticas) sociais vivenciadas individualmente ou em grupo articulando a vida material e a consciência social, e onde os agentes humanos são capazes de modelar e remodelar as condições de sua existências.

Notas

1- Nos referimos as feiras livres nortistas portuguesas de Ponte de Lima, Barcelos e Vila do Conde e as feiras nordestinas brasileiras de São Joaquim em Salvador-BA, e as feiras centrais de Caruaru-PE e Campina Grande-PB.

2-Ver Ferreira Borges, apud: ALVES, Jorge. Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas. In: Actas do 3 Encontro de História. Vetores de desenvolvimento econômico as feiras da Idade Média à Época Contemporânea. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005

3- Ver VEDANA Viviane. “Fazer a feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS.

4-Considerando a feira como tradição, no sentido utilizado por Hobsbawn, da invenção da tradição pelos brasileiros e lusitanos em consonância com outros atores sociais dos países circunvizinhas.

5- PARMAR, P. E black FEMINISM: The politics of articulation. In: Rut-herford, J. (ed.) (1990)

6- Ver HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 1998

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

- 7- Ver THOMPSON, E.P. “Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência’ ”, em *Peculiaridades do Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001
- 8- Ver a concepção de experiência e consciência social de Thompson em DESAN, Suzanne. “Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis”, em: Lynn Hunt (ed.). *A Nova História Cultural*. São Paulo, Martins Fontes, 1995
- 9-Ver ALVES, Jorge. Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas. In: *Actas do 3 Encontro de História. Vetores de desenvolvimento econômico as feiras da Idade Média à Época Contemporânea*. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005.
- 10- Ver ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Identidades Culturais: uma discussão em andamento. In: *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: autêntica, 2001
- 11- Ver THOMPSON, E. P. “Patrícios e Plebeus”, em *Costumes em Comum*. Letras, 2002,
- 12- Ver GARCIA, Marie France. Feira e trabalhadores rurais, as feiras do brejo e do agreste paraibano. Tese de Doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional, 1984/ VIEIRA, Sulamita. Feira: espaço de liberdade ou de ilusões? Fortaleza-CE: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Filosofia.,1980, / VEDANA Viviane. “Fazer a feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS/ QUIRINO, Eliana Gomes. A feira central: um espaço em ebulição. In.: *IV Encontro de História Oral do Nordeste*. Espaço, Memória e Narrativa 2003, entre outros.
- 13- THOMPSON, E. P. A venda de esposas” In: *Costumes em Comum*. 2002
- 14- Tese de doutoramento, intitulada: Continuidade e mudança no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1985-2010), realizada em História Contemporânea pela Universidade do Minho, em parceria com a História Social pela UFBA.
- 15- Estudo comparativo entre as feiras nortistas portuguesas e nordestinas brasileiras
- 16- Ver a idéia de fontes orais como mas um tipo de fonte história, presente em: ALCAZAR I GARRIDO, Joan Del. “As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate”, em *Revista Brasileira de História*, 25/6, pp. 33.
- 17- Tal concepção se baseia nos teóricos da História Oral e memória: Bosi (1998), Thompson (1998), Meihy (2002), Portelli (1997)Le Goff (1990), Halbwachs (1990).
18. Essas identidades que nos referimos podem ser expressas nas procedências regionais, étnicas, de opções religiosas, de gênero, preferência de corrente política, entre outras.
- 19 . Ver a idéia de memória coletiva e memória histórica presente em HALBWACHS, Maurice 1990
20. Ver THOMPSON, E.P. Folclore , Antropologia e História Social. In: *as peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. 2001
- 21.Ver DAVIS, Natalie. *Culturas do povo. Sociedade e Cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1990. (originalmente publicado em 1975).
22. GEERTZ, Clifford, "Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura" em *A Interpretação das Culturas*. 1978.

Referências

ALVES, Jorge. Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas. In: *Actas do 3 Encontro de História*. Vetores de desenvolvimento econômico as

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

feiras da Idade Média à Época Contemporânea. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005

BOSI, Eclea, *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, SP: Cia das Letras, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Identidades Culturais: uma discussão em andamento. In: *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

GEERTZ, Clifford, "Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura" em *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Colectiva*. São Paulo, Edições Vértice, 1990.

BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, SP: Cia das Letras, 1994, capítulo 5.

HALL, Michael. História Oral: os riscos da inocência, em *O direito à memória*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, v. , p. 157-160.

RAU, Virgínia. *Feiras Medievais portuguesas. Subsídios para seu estudo*. Lisboa: Editorial Presença, 1981

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo, Cia das Letras, 2002

_____ *Peculiaridades do Inglês e outros artigos*. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Marcos Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
